

Budismo e cristianismo em diálogo – um ensaio (versão revista e resumida)

Gottfried Brakemeier*

Resumo: Nem tudo é antagonismo nas religiões. Há também afinidades. Antes de discutir as diferenças, cabe atentar para o que as religiões têm em comum. A partir daí, devem e podem ser identificadas também as divergências. A exposição abaixo procura construir pontes entre budismo e cristianismo sem deixar de mostrar onde se separam os caminhos.

Resumen: Ni todo es antagonismo entre religiones. Hay también afinidad. Antes de discutir las diferencias, cabe considerar aquello que las religiones tienen en común. A partir de ello, deben y pueden ser identificadas también las divergencias. Lo expuesto, aquí, procura construir puentes entre budismo e cristianismo sin dejar de mostrar donde es que se separan los caminos.

Abstract: Not everything is antagonism among religions. There are also affinities. Before discussing the differences, it is worth paying attention to what the religions have in common. From this the differences can and should be identified. The exposition below seeks to build bridges between Buddhism and Christianity without avoiding to show where the paths separate.

* Professor de Ecumenismo na Escola Superior de Teologia de São Leopoldo/RS. E-mail: gbrakemeier@est.com.br

1 - Questões de princípio

1. *Ainda é novo o imperativo do diálogo inter-religioso no continente latino-americano.* Ele é reflexo da nova situação, acarretada por globalização e pluralismo religioso. As religiões se avizinham e devem achar formas de conviver, neutralizando o potencial conflituoso inerente ao confronto com o diferente. Tornar-se-iam mentirosas se não demonstrassem a salvação de que se dizem portadoras mediante o engajamento em favor da paz na terra. Assim sendo, o despreparo para o diálogo não é desculpa para se esquivar da tarefa. Acolho a ocasião desta semana acadêmica para apresentar um primeiro ensaio.

2. O propósito é dificultado por outros fatores ainda. *Cristianismo e budismo parecem ser por demais assimétricos para permitir a construção de pontes.* Costuma-se inserir o budismo nas religiões chamadas “místicas”, enquanto o cristianismo faria parte da categoria das “proféticas”. Além disso, o universo budista se apresenta em grande número de correntes. Distingue-se o “Hinaiana”, isto é, o budismo do “pequeno veículo”, do “Mahaiana”, o do “grande veículo”. Existe o budismo tibetano, o tântrico, o “zenbudismo” e ainda outros, cada qual com suas peculiaridades. Discute-se inclusive se budismo é religião ou filosofia. Mas também aqui o argumento não se presta a álibi para fugir do diálogo. Budismo é religião, sem dúvida alguma, com identidade própria e denominador comum que une as variantes. E tem no cristianismo um de seus importantes parceiros.

3. Falamos do que nos é sagrado e do que constitui a nossa mais profunda convicção. Isto confere ao diálogo religioso singular paixão. Mesmo assim, deve ser conduzido no respeito mútuo. Diálogo autêntico não suporta a discriminação do parceiro ou sua desmoralização. Pretende desarmar os antagonismos, produzir consensos ou, se isto não for possível, exercitar a tolerância. Queremos chegar perto uns dos outros, mesmo quando não podemos deixar de formular perguntas críticas. *Na sociedade globalizada, coexistência já não basta. Devemos achar formas de convivência* que se alicercem em algo comum. Por isso, vejamos, em primeiro lugar, as afinidades, para depois tratar também dos dissensos. Comunhão humana deverá tolerar a oposição, mesmo que lhe seja espinho na carne.

2 - Budismo e cristianismo: afinidades

1. O budismo, ao pretender a redenção do ser humano dos cativeiros que o prendem, é por excelência uma religião salvacionista. *Apregoa a iluminação*, o despertar, o conhecimento das quatro verdades santas e o nobre

caminho óctuplo como meio para alcançar o objetivo. “Buda” é pessoa iluminada. Sabe que o mal nasce do apego à aparência do ser, da gula por vida e felicidade. Salvação, assim é possível concluir, se processa como “desmundialização”, como um soltar-se, como um apagar do “eu”, como imersão no “nirvana”, isto é, no vácuo, onde nada mais o prende. O “nirvana” como estação final do ser humano depois de rompido o ciclo das reencarnações é suscetível de descrições variadas. Mas é o paraíso à espera do ser humano, o horizonte de toda lide. A despeito das diferenças entre as concepções “escatológicas” cristãs e a esperança budista, é comum a elas a convicção de que o ser humano necessita de salvação. No mundo existe negatividade demais para que ele seja aceito tal como está. Somente uma “iluminação” salvífica (cf. Ef 5.14) vai permitir ao ser humano fugir do que lhe diminui e aniquila a existência. Nisto, cristianismo e budismo concordam.

2. Também no que diz respeito ao *desapego*, há paralelos a indicar. Diz a Bíblia que não temos aqui morada permanente (Hb 13.14). Tudo é transitório, e nada é definitivamente nosso. Por isso, o apóstolo Paulo recomenda possuir como se não possuíssemos, ter como se não tivéssemos, pois “a aparência deste mundo passa” (1 Co 7.29s.). Algo semelhante vale para as “paixões da carne”. Quem prender o coração às coisas fúteis deste mundo verá frustrados seus anseios. Também na Bíblia o mau desejo é responsabilizado por desventura e desgraça. Ele está na raiz de males como o assassinato, o adultério, a idolatria e outros. Se esses desejos controlarem o ser humano, viveremos segundo a carne e não conforme o espírito. Não prender-se a este mundo, mas aprender a largar as coisas, nisto budismo e cristianismo – novamente a despeito de certas diferenças – são unânimes.

3. Tanto a tradição judaico-cristã quanto a budista prezam a *sabedoria*. A Bíblia é depositária de uma enorme tradição sapiencial. O mesmo vale para as tradições budistas. A sabedoria se distingue da ciência. Não pergunta apenas pelo que se pode saber, pergunta antes pelo que convém, pelo que importa, pelo que dá certo. Ela resulta de experiências de vida. A própria biografia de Sidarta Gautama, o fundador do budismo e venerado como “Buda”, o ilustra. Ele levou tempo até encontrar o caminho da perfeição, que, segundo a sua descoberta, é o caminho médio, afastado dos extremos de ambos os lados. Na Bíblia, nós temos a sabedoria de Jesus de Nazaré, a sabedoria acumulada do povo de Israel, a sabedoria da primeira cristandade, para a qual o Espírito Santo não era apenas o Espírito da verdade, mas também da sabedoria (Ef 1.17). Esse tema poderá ser assunto palpitante na agenda do diálogo budista-cristão com a possibilidade de convergências substanciais e de enorme relevância justamente num mundo tão estúpido como o dos séculos XX e XXI.

4. As convergências são particularmente flagrantes quando se contempla a *ética* budista. Ela oferece numerosos paralelos com o que o Novo Testamento qualifica como os frutos do Espírito (Gl 5.22s.). O caminho da perfeição, seguindo a senda óctupla, pretende pureza de intenção em todos os sentidos. “Fé pura, linguagem pura, ação pura...” Disse Jesus: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.” (Mt 5.8). Para ele, assim como para a cristandade posterior, a pureza já não mais possui natureza ritual, mas moral. No código ético budista, não faltam “virtudes” tão centrais para o cristianismo como a misericórdia, a generosidade, a paciência, o amor, o respeito ao outro e a proteção à vida. Em questões de ética, portanto, existem fortes proximidades, devendo-se admitir que budistas, especialmente os monges, no que diz respeito à conduta moral, podem tirar vantagens sobre muitíssimos cristãos.

5. Seja reiterado que *se trata de tangentes, não de concepções exatamente coincidentes*. Pois o que parece ser igual insere-se em referenciais distintos, mudando o significado. No entanto, há responsabilidades comuns das religiões. Devem trabalhar todas a mesma realidade humana, buscar respostas conjuntas e elaborar regras de convivência. A descoberta das semelhanças certamente facilitará a tolerância em assuntos divergentes.

3 - Diferenças e questionamentos

Cristianismo e budismo representam vias distintas em que está em jogo nada menos do que “salvação”. Que é isto? As respostas divergem. Exemplifico em três blocos temáticos:

1. *O primeiro diz respeito a “Deus”*. Diz-se que o budismo é religião “atéia” ou, no mínimo, “agnóstica”. Assim também o li em artigo publicado na revista *Superinteressante* de março deste ano. Mas isto é verdade apenas com algumas sérias restrições. Pois se Deus designa aquela realidade última que carrega o universo e lhe dá razão e rumo, se Deus é concebido como sendo o Alfa e o Ômega (Ap 1.8), o início e o fim, então também o budismo fala de Deus. Também ele conhece algo absoluto, “fundamental”, eterno. O melhor termo que o descreve é “*darma*”. Possui significados múltiplos, mas designa essencialmente a ordem cósmica, a lei que rege o universo e à qual o ser humano deve adequar-se. Inclui o “*carma*” das pessoas, isto é, o saldo acumulado das ações humanas que define o modo da reencarnação. Pode-se dizer tranquilamente que a realidade última a determinar o cosmo é essa lei, a da causa e do efeito, do nascer e do morrer, da retribuição pelas obras. Nessa “lei”, assim ousou afirmar, está a divindade budista.

2. A fé cristã pensa diferente. *A realidade fundante do cosmo não é uma “lei”, e, sim, uma “vontade”*. No início de todas as coisas está um propósito, uma intenção, um sentido. E este é de natureza amorosa. A fé cristã de modo algum é cega frente à frieza do universo e às leis que o comandam. No jogo cósmico, Deus está em nenhuma evidência. A fé cristã sabe do “*deus absconditus*”, do Deus oculto em suas obras. Mesmo assim, ela arrisca a crer que seja o amor a força fundante do cosmo, certeza esta que lhe foi aberta por Jesus Cristo. Quem contempla a realidade com esses olhos perceberá outra coisa do que uma lei impiedosa, uma ordem fria, uma estrutura impessoal. *Deus não é lei, Deus é amor* (1 Jo 4.16). Isto faz alguma diferença. O ser humano é convidado a saber-se sustentado em todas as desgraças pelo poder do amor, na vida e na morte. Por isso mesmo, existe perdão. E misericórdia não se resume em imperativo ético. É realidade experimental, anterior ao compromisso. Também a fé cristã sabe que Deus não pode ser imaginado à maneira humana. Deus é Espírito (Jo 4.24). Todavia, mesmo com essa ressalva, existe a possibilidade de se dirigir a Deus em oração, como filhos a seu pai amado. Pois, se Deus é vontade, então também o Espírito assume características de pessoalidade. A maneira de falar sobre Deus não é nada opcional. “Verdade”, ou melhor, “vida” está em jogo e uma maneira de existir. O diálogo cristão-budista é exemplo para tanto.

3. Passo para o segundo exemplo: *o budismo apregoa o sofrimento como o mal maior da humanidade*. Oferece vias para superá-lo, conduzindo assim à felicidade, respectivamente, à perfeição. A fé cristã não afirma exatamente a mesma coisa. Não enxerga no *sofrimento*, mas no *pecado* a causa última da desgraça humana. Sofrimento é efeito colateral do pecado. Se interpreto bem, o budismo poderia até mesmo concordar com tal afirmação, pois atribui o sofrimento a fatores subjacentes como o apego à vida, o engano por sobre a natureza do “eu”, etc. Mesmo assim, não há identidade de causa. O pecado é coisa bem mais séria, grave e contundente do que a ignorância relativa à essência das coisas e o frenético anseio por vida. Pecado é o desejo assassino do ser humano, o ódio a Deus e à criatura – o que no budismo não tem paralelo. Pergunto: será que o budismo não diminui a gravidade do mal neste mundo e se ilude quanto à natureza perversa do ser humano? O ser humano precisa ser salvo de quê? Do sofrimento apenas ou de alguma enfermidade mais profunda, de um câncer a lhe corroer a vida?

4. Também o cristianismo anseia pela superação do sofrimento. “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”, diz Jesus. O reino de Deus consiste em justiça, paz e alegria, onde tudo o que atribula o ser humano pertencerá em definitivo ao passado. No entanto, evitar o sofrimento por todos os meios não pode ser, por ora, a meta da existência cristã. Pois impor-

ta distinguir o sofrimento evitável, supérfluo, criminoso e o sofrimento a ser assumido por causa do amor. Quem ama se torna vulnerável, passível de dor. “*Apatia*” mata o amor. Por isso mesmo, Jesus enfrentou a cruz e não fugiu. Julgou que seu amor exigia tomar esse cálice amargo. Amor sem sofrimento não tem mais em vista o próximo ou a pessoa amada. Terá em vista somente a si próprio e a sua perfeição. É uma pergunta que eu tenho ao budismo: como pretende salvaguardar a autenticidade do amor sem a disposição para assumir sofrimento?

5. A ética budista pretende o bem do próximo. Não causar prejuízo à vida alheia, não escandalizar, contribuir para a paz no mundo – tudo isto são nobres princípios budistas. O sábio budista apregoa a serenidade impassível da pessoa iluminada. Como conjugar isso com a natureza do amor? Ademais, amor somente por amor se aprende. A lei cósmica não ama. Não há Deus misericordioso que agarre a mão do fraco e lhe perdoe as dívidas. *Salvação, no budismo, acontece como auto-salvação*. É o que me faz perguntar se, a despeito do rigor ético, admirável no budismo, ou justamente por causa do mesmo, o mundo budista não é, em última instância, frio e impiedoso.

6. Isso me leva ao terceiro exemplo. No budismo, *o bem alheio é fundamentalmente efeito colateral do esforço da pessoa por sua própria perfeição*. No centro da atenção está a libertação do indivíduo da praga das sucessivas reencarnações e o alcançar do nirvana. Como vimos, é toda uma sabedoria que serve a este objetivo. Chama a atenção, porém, que *o budismo não tem perspectivas de salvação para o mundo*. De certa forma, o budismo é apolítico, se entendermos “política” no sentido do zelo pela causa pública. Pois o mundo passa. Não oferece salvação. Esta se processa, antes, como negação do mundo. *Não tem por meta a vida, mas o dissolver-se na vacuidade*. O mundo não merece empenho em sua preservação. O budismo não conhece criação. Isto redundaria, se vejo bem, numa visão altamente negativa da realidade. Conforme a Bíblia, este mundo, apesar do pecado, não consiste num só grande vale de lágrimas. São lembradas as maravilhas da criação, encorajando a desfrutar os lados belos da vida. Este mundo é amado por Deus (Jo 3.16). Eis por que o ser humano está encarregado de gerenciar a criação divina, de cultivar o jardim de Éden e de assumir responsabilidade “política” e social. Como define o budismo a responsabilidade pública num estado democrático?

7. Na fé cristã, encontram-se unidas a *esperança individual* na forma da ressurreição dos mortos e a *esperança coletiva* na forma da esperança por novos céus e nova terra (2 Pe 3.13; Ap 21.1s.), ou seja, na forma da esperança pela vinda do reino de Deus. A conjugação das perspectivas nem

sempre tem sido fácil. Mas ambas são inseparáveis. Não existe salvação individual em sociedade arruinada, assim como a renovação da sociedade exige a responsabilidade individual. O indivíduo é sempre membro de uma comunhão da qual não pode isolar-se. Não percebi algo análogo a esta dialética na religião budista.

4 - Observações conclusivas

1. O budismo goza de renovada *atratividade* no Ocidente. Há muitos fatores que lhe explicam o fascínio. Sem dispor de análise acurada, eu poderia mencionar a beleza de seus símbolos, o misticismo, a disciplina, a riqueza de ritos meditativos, o estilo de vida “alternativo”. Também sua natureza apolítica se insere nesse quadro. Ela é uma das causas da afamada “tolerância” budista. A questão-chave é se permanece a abertura para o diálogo e para a prestação de contas sobre a qualidade “salvífica” das propostas. *Atratividade* em si não é nenhum critério da verdade. O cristianismo está crescendo na China, por exemplo, onde o budismo tem bem maior tradição do que o credo cristão.

2. Onde, então, está a verdade? Quem tem razão: Sidarta Gautama, o Buda, ou Jesus de Nazaré, o Cristo? Não há como “demonstrar” a verdade, pois não se trata de teoremas geométricos, e, sim, de verdades religiosas, existenciais, verdades da vida. Mais uma vez o resultado vai comprovar a qualidade da proposta. Sublinho que se trata do resultado do *uso*, não do *abuso* da prática da fé. Cristãos, por demais vezes, têm desacreditado o evangelho pela traição ao mesmo. Para o budismo tal experiência deve ser igualmente familiar. *O que é preciso avaliar são as conseqüências do que chamamos o discurso fundante de uma religião, não suas perversões históricas.* Pois somente assim estaremos próximos à “verdade” de que é portadora. Esta verdade, aliás, por si só tem força de persuasão. Deixemos as verdades concorrer umas com as outras para que elas mesmas mostrem seu poder salvífico. Considerando ser limitada a nossa capacidade de juízo, o exame final da mesma será escatológico. Somente a chegada da perfeição vai revelar, em definitivo, a verdade da fé. Até lá vamos dialogar, como bons vizinhos, e testar-nos mutuamente os discursos e as práticas.